

## **A ADOLESCÊNCIA NA ERA VIRTUAL: IMPLICAÇÕES PARA A EDUCAÇÃO**

Flávio Augusto Ferreira de Oliveira,  
Universidade Estadual de Maringá  
Desenvolvimento Humano e Processos Educativos  
Maringá, Paraná, Brasil.

Contato: flaviopsic@hotmail.com

### **RESUMO**

A presente pesquisa busca compreender, segundo o referencial teórico da Psicologia Histórico-Cultural, a constituição da adolescência em uma era marcada por novas tecnologias da informação e da comunicação (TICs) e pela virtualidade nas relações, bem como os impactos desses fenômenos sobre a educação escolar. Justifica-se ante ao agravamento dos conflitos entre professores e alunos adolescentes, os quais são confirmados pelas queixas escolares e pelas demandas à Psicologia por intervenções a respeito. O problema circunscreve-se em entender as principais transformações subjetivas produzidas pela “era virtual” e quais as estratégias de superação dos eventuais conflitos geracionais surgidos na escola. Tem como hipóteses: a) que as mudanças geracionais se processam cada vez mais rapidamente na “era virtual”, atingindo diretamente o período da adolescência; e b) que a falta de compreensão dos professores acerca desse processo acirra conflitos no processo educativo. A metodologia prevê uma investigação bibliográfica sobre a sociedade contemporânea (altamente tecnológica), o desenvolvimento da adolescência e da subjetividade na “era virtual” e os conflitos geracionais na escola. Como resultados, espera-se que a pesquisa contribua com informações, esclarecimentos e disponibilização de conhecimentos sobre a temática, fornecendo ferramentas teóricas e alternativas de enfrentamento às queixas escolares, com vistas à constituição de escolas direcionadas à formação do homem criador, criativo e emancipado.

**PALAVRAS-CHAVE:** Adolescência. Era virtual. Psicologia Escolar.

### **INTRODUÇÃO**

As recorrentes queixas escolares de professores acerca de seus alunos e, ao contrário, dos alunos, pais e até da própria equipe pedagógica em relação aos professores, apontadas pelas pesquisas teóricas a respeito, como a de Leonardo, Leal e Rossato (2015), mostram que a presença de conflitos é uma realidade estabelecida entre esses personagens institucionais. No entanto, tais conflitos parecem extrapolar os limites pedagógicos e denunciar uma realidade ainda mais complexa – a presença de conflitos geracionais na escola.

X Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da UEM  
03 a 06 de Abril de 2017  
Universidade Estadual de Maringá ISSN 2358-7369

As intensas transformações sociais, resultantes principalmente dos avanços extraordinários nos campos da informática, telecomunicações, nanotecnologia, robótica, eletrônica, enfim, das chamadas “Tecnologias da Informação e Comunicação” (TIC’s), fazem com que o aluno que se apresenta hoje na escola seja bastante diferente do estudante de poucas décadas atrás (quando parte do professorado se diplomou ou se habilitou), tendo em vista que cresceu, se desenvolveu e constituiu a sua subjetividade em uma “era virtual”, com nítidas distinções da época em que cresceram seus pais e professores (Barros, 2016). Isso certamente cria para a educação novos desafios, dentre eles, compreender esse aluno “pós-moderno”, suprir, na medida do possível, as suas demandas educacionais de modo compatível com o mundo contemporâneo e superar os possíveis conflitos geracionais instalados entre professores e alunos, levando-se em conta a defesa de uma escola de qualidade para todos, tendo em vista a relação direta entre investimento no ensino e seu impacto na aprendizagem, o que, por sua vez, produz o desenvolvimento psíquico no ser humano (Vigotski, 2001).

Nesse sentido, fazem-se necessários estudos que contemplem a constituição humana em uma era marcada pela “revolução tecnológica” e “da comunicação”, bem como por um momento histórico tratado por diferentes teóricos como “virtual”, “pós-moderno” “hipermoderno”, “pós-industrial”, enfim, com transformações tão significativas nas relações sociais e humanas, em termos de velocidade, instantaneidade, fluidez e virtualidade, que, segundo Castells (2005, p. 68), “não deveria levar-nos a cometer o erro de subestimar sua importância verdadeiramente fundamental”. Conforme argumenta o autor:

As novas tecnologias da informação não são simplesmente ferramentas a serem aplicadas, mas processos a serem desenvolvidos. Usuários e criadores podem tornar-se a mesma coisa. Dessa forma, os usuários podem assumir o controle da tecnologia como no caso da Internet. [...] Pela primeira vez na história, a mente humana é uma força direta de produção, não apenas um elemento decisivo no sistema produtivo. Assim, computadores, sistemas de comunicação, decodificação e programação genética são todos amplificadores e extensões da mente humana (Castells, 2005, p. 69).

Diante de mudanças tão substanciais nas relações de produção e, conseqüentemente, nas relações sociais e no comportamento humano, professores se sentem cada vez menos capazes de lidar com as novas demandas da realidade concreta, isto é, com a

educação formal das novas gerações de alunos. Estes são adolescentes cujas subjetividades emergentes, “mutantes” ou, nas palavras de Green e Bigum (1995), “ciborgues” ou “alienígenas” em sala de aula, decorrem de uma era virtual e tecnológica com implicações diretas sobre o desenvolvimento das funções psicológicas superiores, como motivação, atenção e aprendizagem, por isso, a possibilidade da Psicologia contribuir nesse processo. Segundo a tese histórico-cultural geral, os instrumentos e signos devem ser apropriados pelos sujeitos, visto que num duplo processo de apropriação e objetivação, os homens se tornam seres genéricos, culturais, podendo ser livres e emancipados ou, de outro lado, embotados e alienados (Vygotski e Luria, 2007).

Portanto, este artigo busca contribuir tanto no que se refere ao esclarecimento teórico sobre um tema ainda pouco investigado – a adolescência na era virtual e suas implicações para a educação –, quanto na produção de conhecimentos que subsidiem a atuação de professores de adolescentes, fortalecendo, dessa forma, o processo de transmissão e assimilação do saber sistematizado e ampliando o arcabouço teórico acerca do assunto.

## **MATERIAIS E MÉTODOS**

Em consonância com a perspectiva teórica da Psicologia Histórico-Cultural, o presente artigo exercita-se em entender o homem e os fenômenos humanos como produtos sociais e históricos, a partir da base material e concreta fixada nos modos de produção. Tal teoria, iniciada na ex União Soviética a partir do final da década de 1920 por Lev Semyonovich Vigotski (1896-1934), seu maior expoente, tem como método de investigação científica o materialismo histórico e dialético:

Para Marx e Engels, a estrutura econômica (ou infra-estrutura) é a base sobre a qual se ergue uma superestrutura jurídica e política [...] O modo de produção da vida material é, portanto, o que determina o processo social, político e espiritual. Cabe ressaltar, entretanto, que essa relação infra-estrutura/superestrutura deve ser entendida dialeticamente. Não é uma relação mecânica nem imediata, mas se constitui como um todo orgânico, cujo determinante é em última instância a estrutura econômica. Quando, pois, um pesquisador adota o quadro de referência do materialismo histórico, passa a enfatizar a dimensão

X Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da UEM  
03 a 06 de Abril de 2017  
Universidade Estadual de Maringá ISSN 2358-7369

histórica dos processos sociais. A partir da identificação do modo de produção em determinada sociedade e de sua relação com as superestruturas (políticas, jurídicas etc.) é que ele procede à interpretação dos fenômenos observados (Gil, 2008, p. 22).

No entanto, Tuleski (2008, p. 29) destaca que “Vigotski não elaborou sozinho a Teoria Histórico-Cultural. Estiveram, também, presentes Alexis Leontiev e Alexander Romanovich Luria”, integrantes da chamada “troika”, que em russo significa trio. Estes autores, segundo Martins (2008):

[...] encabeçaram a elaboração da *Psicologia Científica*, que não obstante os árduos esforços de seus proponentes na recusa de que se firmasse como *mais uma* matriz do pensamento psicológico; consagrou-se como Psicologia Histórico-Cultural ou Psicologia Sócio-Histórica (p. 38, grifos da autora).

No que se refere aos níveis de pesquisa, o estudo em questão é de caráter explicativo. Conforme explica Gil (2008, p. 28), as pesquisas explicativas são aquelas as quais “têm como preocupação central identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos. Este é o tipo de pesquisa que mais aprofunda o conhecimento da realidade, porque explica a razão, o porquê das coisas”.

Sendo assim, este artigo busca recolher informações teóricas a partir de uma investigação bibliográfico-conceitual, isto é, uma revisão, o mais abrangente possível, da literatura relativa à temática, amparando-se na Psicologia Histórico-Cultural para tal.

De acordo com Marconi e Lakatos (2002), a pesquisa bibliográfica, ou de fontes secundárias, abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses etc., até outros meios de comunicação, como orais, audiovisuais ou, atualmente, via Internet. Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto.

Com efeito, utilizando-se dos mecanismos de pesquisa apresentados, este estudo procura compreender, de maneira qualitativa, a temática proposta, tendo em vista a elaboração de uma pesquisa consistente do ponto de vista teórico, a qual resulte em contribuições tanto à área Psicologia quanto ao âmbito educacional/pedagógico.

## **A ERA VIRTUAL E A ADOLESCÊNCIA**

*Smartphones, tablets, notebooks touchscreen, videogames* com sensores de movimento, *smart TVs* com recursos 3D e uma série de outros aparelhos tecnológicos ultramodernos tem invadido o mercado de eletrônicos na última década e proporcionado avanços tão espetaculares nesse âmbito que, no passado, somente os filmes de ficção científica mais ousados conseguiram vislumbrar algo minimamente próximo à realidade atual.

O desenvolvimento de *softwares*, programas, aplicativos e jogos eletrônicos superavançados, a partir do significativo desenvolvimento da nanotecnologia e da rede de telecomunicações, seja via satélite, *wifi*, 4G, enfim, é responsável por fazer desses aparelhos *instrumentos* indispensáveis ao mundo contemporâneo, transformando a realidade em que vivemos em uma “era digital” ou “virtual/tecnológica”, apoiada no alcance e velocidade cada vez maiores da *internet* e na expansão exponencial das chamadas “redes sociais”.

Para Saviani (2005), a “Revolução da Automação”, também conhecida como “Terceira Revolução Industrial”, é assim chamada porque é responsável por transformações gigantescas na base material da sociedade capitalista. Ela tem sido promovida pelas áreas da informática e da microeletrônica desde a década de 1970, mas se estende até os dias de hoje, causando mudanças substanciais no cotidiano social por meio do incremento cada vez maior de novas tecnologias e da transferência não apenas das funções manuais para as máquinas, mas das próprias funções intelectuais.

Segundo o autor, diferentemente da primeira Revolução Industrial (1760-1840), que fez com que variados trabalhos manuais fossem substituídos por máquinas (em especial a máquina a vapor, o tear mecânico e a máquina de fiação), ou da “Segunda Revolução Industrial” (1850-1945), a qual visou elevar ao máximo a extração de mais-valia do trabalhador, por meio do desenvolvimento da linha de produção e dos ideais de “máxima produtividade” e “qualidade total” (marcas da associação entre o taylorismo e o fordismo, e que acabou culminando no toyotismo [1948-1975], acentuando ainda mais a divisão do trabalho), a “Terceira Revolução Industrial” (iniciada em meados da década de 1970) se situa no campo da micro ou da nanotecnologia, fazendo com que funções mentais altamente complexas sejam desenvolvidas por aparelhos *hi-tech*, nos tornando progressivamente

X Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da UEM  
03 a 06 de Abril de 2017  
Universidade Estadual de Maringá ISSN 2358-7369

dependentes das máquinas e afastando cada vez mais o trabalhador e os demais indivíduos da atividade de pensar, elevando a divisão do trabalho ao seu nível máximo.

Não por acaso, em entrevista ao *Estadão Jornal Digital* do dia 13/09/2016, um dos pioneiros no estudo e tratamento da dependência tecnológica (internet, videogame, celular) no Brasil, o psicólogo Cristiano Nabuco de Abreu, coordenador do *Grupo de Dependências Tecnológicas do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo*, afirma que “somos testemunhas oculares de uma mudança nunca antes vista na história da humanidade”, uma revolução midiática que tem impactado de tal forma a sociedade que “alguns antropólogos chegam a compará-la à descoberta do fogo” (Lisauskas, 2016). Vale ressaltar que, não raramente, as escolas apresentam a ideia de que o professor tem como grande desafio lidar com casos de alunos com dependência química. Contudo, percebe-se que, na atualidade, o professor tem um desafio ainda maior e mais generalizado: lidar com a dependência tecnológica!

De fato, não há como negar que os avanços tecnológicos facilitaram em muitos aspectos a vida humana, proporcionando fontes de comunicação, informação e entretenimento jamais antes vistas. Por outro lado, esse estágio de desenvolvimento do Capitalismo trouxe consigo uma vasta gama de debates quanto aos resultados negativos ou a que preço esses avanços estariam sendo conquistados, gerando severas críticas em diversos campos do saber, como na filosofia, economia-política, história, sociologia, antropologia e psicologia.

Não são poucos os autores que se dedicam a discutir o modo de produção capitalista e as consequências desse sistema produtivo para a sociedade humana. Desde K. Marx, passando por L. S. Vigotski, V. Lênin, E. Hobsbawn, Z. Baumann, R. Sennett, T. Adorno, J. F. Lyotard, G. Lipovetsky, M. Castells, dentre muitos outros pesquisadores, cada um deles analisa, segundo a sua área de formação e concepção teórica, o próprio capital e/ou seus desdobramentos, como o fetichismo da mercadoria, o imperialismo contemporâneo, o neoliberalismo, a degeneração da personalidade humana, o individualismo, o esvaziamento nas relações sociais, ou ainda, a chamada “era pós-moderna” ou “hipermodernismo”, demonstrando que a humanidade tem alterado as suas formas de relação conforme o próprio curso de desenvolvimento histórico do Capitalismo também se altera.

Diante disso, em um contexto social de mudanças tão dramáticas, o desenvolvimento psíquico também sofre transformações relevantes. O período da adolescência, por exemplo, tem sido alvo de diversas pesquisas que apontam para a

X Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da UEM  
03 a 06 de Abril de 2017  
Universidade Estadual de Maringá ISSN 2358-7369

constituição de uma nova subjetividade adolescente nas últimas décadas, bastante distinta das gerações anteriores, sendo, por isso, chamada genericamente de geração “Y”, em contraste com a geração “X”, anterior a esta. Mais recentemente, todavia, um novo conceito foi criado e tem sido empregado para se referir à adolescência na era atual, o de geração “Z”:

Esses jovens “pós-modernos” ou nativos digitais formam o que se denominou como Juventude “Y” (geração do milênio ou geração digital) e “Z”, oriundos desse ambiente de liquidez de significados e de grande desenvolvimento tecnológico. A denominação de geração “Z” vem de “zapear”, quando o jovem costumeiramente muda de um canal para outro na televisão. Vai da internet para o telefone, do telefone para o vídeo e retorna novamente à internet. Assim como se utilizam dos meios tecnológicos, também “trocam” de uma visão de mundo para outra, instantaneamente, tal como o funcionamento dos computadores e a navegação no espaço virtual com os hiperlinks. Sua comunicação se dá em rede, é contínua, realizando multitarefas, todas com ênfase no tempo “presente” na perspectiva de resultados rápidos [...] (Barros, 2016, p. 33).

Essas transformações, tão visíveis entre jovens e adolescentes, têm levado a desdobramentos que atingem todos os âmbitos sociais, em especial, a educação escolar. Conforme explica Boarini (1998), alguns fatores já demonstram desde a década de 1990 que a escola está aquém das expectativas dos alunos, principalmente no que se refere à tecnologia. A autora ressalta que tal ferramenta não adentrou de fato essa instituição, sobretudo, a maioria das escolas públicas, contribuindo para a falta de motivação dos adolescentes em estudar e para “a insatisfação com uma escola que dia-a-dia torna-se cada vez mais anacrônica e incompetente” (Boarini, 1998, p.12).

Ao que parece, mais do que um simples conflito entre professor e alunos adolescentes nas salas de aula, é possível que estejamos diante de um choque geracional, algo que poderíamos chamar de um conflito entre as gerações “X” e “Y” ou, principalmente, entre as gerações “X” e “Z”, entre uma geração nascida anteriormente à década de 1980 e as posteriores, nascidas fundamentalmente nas décadas de 1990 ou 2000:

Muitos dos atuais professores nasceram num tempo em que a televisão era o principal meio de comunicação [...] Esses mesmos professores convivem hoje com crianças e jovens que estão, quase todo o tempo, numa realidade tecnológica e virtual muito mais

X Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da UEM  
03 a 06 de Abril de 2017  
Universidade Estadual de Maringá ISSN 2358-7369

avançada do que aquela que eles experimentaram em sua trajetória: internet, celulares, telecomputadores, *iPods*, *videogames* com gráficos magníficos [...] redes sociais, etc. É natural que estas diferenças provoquem a emergência de problemas, desencontros e desafios que obrigam um permanente reinventar da formação e do trabalho docente (Neto, 2010, p.12).

Desse modo, não esperando que o próprio aluno adolescente seja o porta-voz de mudanças no âmbito da educação escolar, mas com base no chamado “método inverso” proposto por Marx (1987, p. 20), o qual considera que sempre o fenômeno mais desenvolvido explica o menos desenvolvido, e nunca o contrário, compreende-se que o professor é peça-chave na busca por tais melhorias. Em outras palavras, se o professor (sujeito mais desenvolvido em termos de escolarização, apropriação científica e cultural e, portanto, com mais responsabilidades) compreender de fato o período da adolescência e o universo que o circunda, bem como a constituição da subjetividade numa era de revolução científica e tecnológica, além das características do seu próprio trabalho pedagógico, poderá ter muito mais elementos para enfrentar possíveis conflitos geracionais e potencializar sua ação docente. Entretanto, precisa estar munido das ferramentas necessárias para tais avanços, podendo a Psicologia colaborar nesse processo.

### **AS QUEIXAS ESCOLARES E OS CONFLITOS GERACIONAIS NA ESCOLA**

Nas últimas três décadas, muitas pesquisas foram realizadas no Brasil no sentido de identificar ou desmistificar as principais queixas escolares. Na década de 1980, por exemplo, Patto (1985), ao abordar os alarmantes resultados do hoje chamado Ensino Fundamental, demonstrou que as queixas mais recorrentes nas escolas se referiam basicamente a supostos problemas individuais dos alunos, como carência afetiva, desnutrição infantil e deficiência da linguagem. Todavia, estas desconsideravam fatores relevantes para a péssima qualidade da educação brasileira, como os socioeconômicos, políticos e históricos, constituindo-se, por isso, em “mitos”, pois deliberadamente culpabilizavam os alunos como os principais responsáveis pelo próprio fracasso escolar, isentando governantes e a própria escola de suas responsabilidades nesse processo. Com isso, a autora tornou-se uma referência obrigatória à psicologia escolar e áreas afins ao teorizar sobre o assunto.

X Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da UEM  
03 a 06 de Abril de 2017  
Universidade Estadual de Maringá ISSN 2358-7369

De lá para cá, apesar de alguns avanços na educação pública do país, como a oferta de mais escolas e uma maior democratização do ensino, muitos aspectos permanecem inalterados, talvez com índices até piores, pois as queixas escolares continuam tendo como alvo principal os alunos, porém, com o agravante da “doença”. Para Leite (2015), o modelo biológico de doença mental e o uso de drogas psicoativas para tratá-la conquistou preponderância na prestação de serviços de saúde mental, fazendo com que as dificuldades de escolarização sejam concebidas como doença, e não mais como uma questão pedagógica. Tais evidências revelam que o discurso centrado no indivíduo, presente na escola, continua sendo respaldado de maneira acrítica, o que ao invés de colaborar para a superação das problemáticas escolares acaba por fortalecê-las, corroborando as explicações simplistas, a naturalização das questões sociais e a busca por soluções rápidas para fenômenos complexos.

Segundo os teóricos histórico-culturais, a valorização da mediação educacional, negligenciada ao se assumir tal modelo, tem papel imprescindível ao desenvolvimento psíquico (Vigotski, 2001), o que revela a necessidade de se atentar para este aspecto ao invés dos somente clínicos quando o assunto é fracasso escolar.

Por outro lado, também existem pesquisas que colocam o professor no centro das discussões sobre a temática, como se este fosse o único responsável pelo mau desempenho do aluno, mais uma vez isentando fatores socioeconômicos, históricos e políticos de participação nesse processo. Não é raro encontrarmos queixas, principalmente de pais e alunos, direcionadas aos docentes (Oliveira, 2012). Nesse sentido, muitas vezes o professor é o sujeito culpabilizado por aspectos que extrapolam em muito a sua esfera de ação. Conforme explicam Collares e Moysés (1994, p. 31), o que de fato acontece é que:

[...] os profissionais da Educação, rebaixados na escala social, com salários aviltantes, sentindo-se incapazes, expropriados de seu saber, estão prontos a delegar seu espaço, prontos a submeterem-se a uma nova ordem. O trabalho pedagógico, desqualificado, cede terreno para o trabalho de outros profissionais, estimulados pela necessidade de mercado de trabalho. O espaço escolar, voltado para a aprendizagem, para a normalidade, para o saudável, transforma-se em espaço clínico, voltado para os erros e distúrbios.

Nessa mesma perspectiva, Leonardo, Leal e Rossato (2015) afirmam que as principais queixas escolares da atualidade se voltam basicamente para problemas individuais

X Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da UEM  
03 a 06 de Abril de 2017  
Universidade Estadual de Maringá ISSN 2358-7369

de alunos ou aos professores, o que, apenas por esse motivo, já revela um impasse na educação escolar brasileira, visto que os principais atores desse processo – alunos e professores – encontram-se rodeados por diversas queixas e, neste caso, em rota de colisão, pois ocupam o mesmo espaço escolar, redundando, obviamente, em resultados negativos para o processo de ensino e aprendizagem. De acordo com as autoras, em pesquisa realizada em bancos de dados e indexadores nacionais e internacionais, cujo objetivo era buscar publicações sobre queixa/fracasso escolar e verificar as concepções e perspectivas teóricas que as fundamentavam no período abrangendo 1996 a 2009:

[...] a categoria prevalecte nos artigos analisados foi *queixa/fracasso escolar centrada no indivíduo*, com 67% das respostas, o que indica que a maioria das produções científicas analisadas neste estudo parte do princípio de que os problemas de escolarização estão relacionados ao aluno, à família ou ao professor (Leonardo, Leal e Rossato, 2015, p. 166, grifos das autoras).

Com efeito, levando-se em consideração que tanto as pesquisas teóricas quanto a prática do dia-a-dia escolar dão conta de que as queixas dos professores acerca dos alunos e, ao contrário, dos alunos, pais e até da própria equipe pedagógica em relação aos professores têm aumentado, pode se dizer que a presença de conflitos na escola é uma realidade estabelecida entre esses personagens.

Além disso, as queixas escolares podem estar revelando, na verdade, um conflito de gerações entre a dos professores e a dos alunos adolescentes. Estes últimos, por estarem, segundo Vigotski (1993), no período mais crítico do desenvolvimento humano, vivenciam transformações físicas, psíquicas e sociais nitidamente diferenciadas de qualquer outra etapa da vida. Em virtude disso, compreender tal período se torna uma necessidade para qualquer docente que lide com esta faixa etária, no sentido de se instrumentalizar, perceber e adequar seu trabalho às nuances e peculiaridades deste momento do desenvolvimento psíquico.

Como se sabe, o período da adolescência tem sido foco estratégico do capitalismo contemporâneo, pois além de ser um grande mercado consumidor, é uma faixa etária que, em função de sua atividade, de longa data é tida como a mais propensa às novas tecnologias desenvolvidas pelo capital, desde o uso da internet até o consumo de aparelhos eletrônicos modernos, impactando inegavelmente o desenvolvimento psíquico:

X Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da UEM  
03 a 06 de Abril de 2017  
Universidade Estadual de Maringá ISSN 2358-7369

A identificação da “cultura tecnológica” como uma “cultura juvenil” remonta à década de 1980, quando surgiram os computadores pessoais, os videogames e a internet. Alguns dos principais criadores dessas tecnologias eram estudantes “geniais” que ainda não haviam terminado seus cursos de graduação nas áreas mais promissoras da informática. [...] A história da “cultura tecnológica” deste século entronizou suas biografias. Ao faturar seus primeiros milhões antes dos 30 anos, Bill Gates (que fundou a Microsoft com 19 anos) e Steve Jobs (que fundou a Apple com 21 anos) se transformaram em emblemas internacionalmente reconhecidos [...] (Freire Filho e Lemos, 2008, p. 18-19).

Não por acaso, os adolescentes atuais, nativos de uma cultura “pós-moderna”, são também chamados por Freire Filho e Lemos (2008) de “geração digital”, pois nasceram em uma sociedade cujos processos de comunicação já se davam, em grande parte, por vias tecnológicas e virtuais. De acordo com Sennett (2006, p. 88):

Graças à revolução na informática e na microeletrônica, [...] a automação transformou a ficção científica do passado em realidade tecnológica. [...] A automação permite que os fabricantes não só reajam com rapidez às mudanças na demanda, pois as máquinas podem ser rapidamente reconfiguradas, como executem rápidas mudanças de orientação quando a demanda se modifica [...].

Tais mudanças, obviamente, não ficam restritas ao campo da produção industrial, mas vêm impactando significativamente o psiquismo e a vida humana como um todo, inclusive na escola. Daí a importância de o professor compreender as bases dessa sociedade e, sobretudo, a constituição da subjetividade nesta “era virtual”, principalmente quanto ao período da adolescência, que como visto, é peça-chave para concretização dos ideais burgueses no modo de produção capitalista<sup>1</sup>. Estudar a adolescência e compreender como se constitui a subjetividade nesta era virtual e tecnológica torna-se indispensável pelo fato de que

---

<sup>1</sup> Quando Vigotski, principal autor da Psicologia Histórico-Cultural, elaborou sua teoria, havia um chamamento geral para que todos (crianças, jovens e adultos) participassem da reconstrução da sociedade sobre bases não capitalistas. Havia uma necessidade ímpar de que todos se envolvessem com o processo produtivo, retirando o país do grande atraso em que se encontrava. Assim, os jovens eram educados tendo como perspectiva o ideal revolucionário e o objetivo geral de serem partícipes da construção de uma coletividade forte (Barroco, 2007). Todos deveriam ajudar na produção e ser alfabetizados! Hoje, se dá ênfase ao consumo e à participação na comunidade/realidade virtual, sendo que crianças e jovens são alvos de investidas da indústria e do comércio.

X Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da UEM  
03 a 06 de Abril de 2017  
Universidade Estadual de Maringá ISSN 2358-7369

grande parte da educação escolar se volta a esse público, o que faz dos conflitos geracionais entre professores e alunos adolescentes um problema a ser enfrentado pelas escolas.

Ainda que os fatores sociopolíticos e econômicos sejam os principais responsáveis pelo sucateamento da educação pública brasileira, não se pode negar que a cisão entre as gerações, lacuna ainda não tão bem esclarecida pelas ciências e que também é permeada por tais fatores, compromete substancialmente o processo educativo.

Como visto, não é de hoje que conflitos existentes na relação professor-aluno são problemas enfrentados pela educação escolar. O que são novos, porém, são os contornos cada vez mais graves dos embates envolvendo tais personagens na atualidade (“era virtual”), o que, por vezes, transforma o espaço escolar em uma verdadeira “zona de guerra”, gerando, inclusive, situações trágicas, a ponto de surgirem manchetes como a do jornal *O Popular* (versão digital), do dia 27/05/2015, dizendo: “Aluno de 14 anos xinga e agride professora dentro de escola em MG” (Almeida, 2015).

Para Trautwein (2010), muitos alunos consideram a escola como um lugar chato e de várias agressões, punições e injustiças, o que os leva a sentirem-se desrespeitados ou mesmo “violentados” nessa instituição. Já quanto aos professores, Asbahr (2005) lembra que as condições objetivas de trabalho restringem a constituição de uma consciência docente integral e favorece os conflitos em sala de aula, tendo em vista que classes lotadas, extensa jornada de trabalho, baixos salários, cotidiano escolar atribulado, sentimento de solidão, excesso de barulho, burocracias etc. são elementos que constituem o conjunto de condições que levam os professores a sucumbirem, adoecerem e, por vezes, desistirem de ensinar. Desse modo, em um cenário desfavorável a ambos, Caldas (2005) destaca que:

Discutir a intersecção entre relações interpessoais/aprendizagem/queixa escolar parece fundamental, uma vez que tanto queixas escolares como aprendizagens se dão a partir do contato entre pessoas, além de atravessar e serem atravessadas por relacionamentos. Muitas vezes, em nome de padrões estereotipados de autoridade e disciplina, a ligação entre professores e alunos torna-se impessoal e distante, desvalorizando os fatores afetivos, altamente facilitadores para que o processo ensino-aprendizagem ocorra de forma produtiva e harmônica. A relação distanciada entre alunos e professores pode ser um dos responsáveis pelo desinteresse e pela dificuldade (Caldas, 2005, p. 29).

Sem qualquer apologia ao discurso da afetividade ou da tecnologia como indispensáveis à educação, mas entendendo a devida importância destes para o processo de ensino-aprendizagem, ainda mais em um mundo digital e em uma era tratada como “modernidade líquida”, carente, como diria Baumann (2004), de relações e vínculos sólidos, faz-se necessário que o professor de adolescentes compreenda melhor essa etapa do desenvolvimento humano, adentrando-a ou vivenciando-a mais proximamente, de modo que a sua relação humana e pedagógica com tais estudantes seja potencializada, gerando impactos positivos para o processo educativo.

Finalmente, ressalta-se que um entendimento mais aprofundado e novos estudos que investiguem a constituição da adolescência na “era virtual” e suas implicações sobre a educação escolar se fazem necessários, tendo em vista a complexidade de tal fenômeno, sua atualidade e sua relevância no âmbito psicológico e educativo.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Com base nos pontos apresentados, destaca-se que a educação e os fenômenos escolares devem sempre ser analisados de maneira crítica, atentando-se para os aspectos sociais e históricos que os perpassam e considerando as relações entre eles, nem sempre evidenciadas. Isso porque, segundo Marx (1987), o ser humano e sua atividade são produtos sociais e históricos, de modo que qualquer fenômeno humano só pode ser considerado a partir de uma lógica dialética, em sua historicidade e materialidade, ou seja, conforme o movimento histórico da realidade. Tal movimento é marcado por teses, antíteses e sínteses ou, em outras palavras, por paradigmas, contradições e superações desses mesmos paradigmas. Para Márkus:

Esta caracterização do homem como um ser social contém dois momentos intimamente interligados. Significa, por um lado, que o indivíduo não pode se tornar um ser verdadeiramente humano e não pode viver uma vida humana a menos que ele mantenha contato e estabeleça relações com outros homens [...] Por outro lado, o indivíduo é um ser humano somente através do, e devido ao, fato de que ele se apropria, incorpora em sua vida e atividade (em maior ou menor extensão) habilidades, carências, formas de comportamento, ideias etc., que foram criadas e objetivadas por outros indivíduos de

X Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da UEM  
03 a 06 de Abril de 2017  
Universidade Estadual de Maringá ISSN 2358-7369

gerações anteriores ou contemporâneos a ele. Assim, o indivíduo humano em sua personalidade concreta é, ainda que tomado isoladamente, um produto das relações históricas e sociais (2015, p. 51-52).

Isso permite afirmar que nenhuma realidade humana é, por mais complexa ou problemática que possa parecer, imutável ou eterna, pois a História relata inúmeros exemplos de transformações radicais nos meios de vida e, conseqüentemente, nas relações sociais e na produção da subjetividade. Desse modo, qualquer fenômeno humano é passível de ser transformado conforme os homens alteram os meios de produção de suas vidas, sendo o fracasso escolar, os problemas na relação professor-alunos adolescentes e os conflitos geracionais, presentes especialmente nas escolas públicas, apenas resultados visíveis da desigualdade social, econômica e da luta de classes.

O sucateamento da educação pública no país, denunciado desde a década de 1980 por Maria Helena de Souza Patto e outros tantos autores, demonstra que a permanência de tal realidade responde a um projeto burguês de sociedade que aliena grupos inteiros em função da manutenção do *status quo*, privilegiando elites minoritárias em detrimento de uma imensa maioria de pessoas pobres, as quais fazem parte das camadas mais populares da sociedade e que dependem quase que exclusivamente da escola pública para terem acesso ao saber sistematizado (Saviani, 2005).

É neste sentido que tais contradições não resistem a um aprofundamento teórico nem a um olhar histórico-crítico sobre tal âmbito. Por esse motivo, o presente artigo buscou compreender, primeiramente, as bases da sociedade no modo de produção capitalista, com ênfase sobre a revolução tecnológica, depois, a inserção e constituição da adolescência nesse contexto, para, só então, verificar os impactos desses fenômenos sobre a educação escolar, tudo segundo uma perspectiva social e histórica acerca do tema, procurando respostas e possibilidades de superação de um conflito geracional que parece instalado entre professores e alunos adolescentes.

Para encerrar, lembramos Konder (2003, p. 37), que afirma que “a realidade é sempre mais rica do que o conhecimento que a gente tem dela”. Portanto, a elaboração constante de sínteses que revelem a sua essência e contradições não se constitui apenas numa possibilidade, mas em uma necessidade social, com vistas ao enfrentamento e superação de um contexto de desigualdades e alienação.

## REFERÊNCIAS

- Almeida, C. (2015) “Aluno de 14 anos xinga e agride professora dentro de escola em MG”. *O Popular* (versão digital). Goiânia. Disponível em: <http://www.opopular.com.br/editorias/cidade/aluno-de-14-anos-xinga-e-agride-professora-dentro-de-escola-em-mg-1.861146/> Acesso em 31/01/2017.
- Asbahr, F. S. F. (2005) *Sentido pessoal e projeto político-pedagógico: análise da atividade pedagógica a partir da Psicologia Histórico-Cultural*. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Instituto de Psicologia da Universidade São Paulo. São Paulo.
- Barroco, S. M. S. (2007) *A educação especial do novo homem soviético e a psicologia de L. S. Vigotski: implicações e contribuições para a psicologia e a educação atuais*. Tese (Doutorado em Educação Escolar [Não publicada]). UNESP, Araraquara.
- Baumann, Z. (2004) *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Barros, P. M. (2016) Os conflitos geracionais e os desafios contemporâneos na formação docente no Brasil. *Revista Internacional de Diversidad e Identidad en la Educación*. Espanha, v. 3, n. 1, p. 29-34.
- Boarini, M. L. (1998) Indisciplina Escolar e Dificuldades de Aprendizagem Escolar: Questões em Debate. *Apontamentos*. Maringá: Eduem, n. 69.
- Caldas, R. F. (2005) Fracasso Escolar: Reflexões sobre uma história antiga, mas atual. *Teoria e Prática*. São Paulo, v. 7, n.1, p. 21-33.
- Castells, M. (2005) *A sociedade em rede*. v. 1, 8.ed. São Paulo: Paz e Terra.
- Collares, C. A. L; Moysés, M. A. (1994) A Transformação do Espaço Pedagógico em Espaço Clínico – A Patologização da Educação. *Série Idéias*. São Paulo, n. 23, p. 25-31.
- Freire Filho, J.; Lemos, J. F. (2008) Imperativos de conduta juvenil no século XXI: a “Geração Digital” na mídia impressa brasileira. *Comunicação, Mídia e Consumo*. São Paulo, v. 5, n. 13, p. 11-25.
- Gil, A. C. (2008) *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. 6. ed. São Paulo, Atlas.
- Green, B.; Bigum, C. (1995) Alienígenas na sala de aula. In: SILVA, T. T. (Org.). *Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação*. Petrópolis: Vozes, p. 208-243.
- Konder, L. (2003) *O que é Dialética*. São Paulo: Brasiliense.

X Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da UEM

03 a 06 de Abril de 2017

Universidade Estadual de Maringá ISSN 2358-7369

Leite, H. A. (2015) *A atenção na constituição do desenvolvimento humano: contribuições da Psicologia Histórico-Cultural*. Tese (Doutorado em Psicologia). Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo.

Leonardo, N. S. T.; Leal, Z. F. R. G.; Rossato, S. P. M. (2015) A naturalização das queixas escolares em periódicos científicos: contribuições da Psicologia Histórico-Cultural. *Revista da Abrapee*. São Paulo, v. 19, n. 1, p. 163-171.

Lisauskas, R. (2016) “Estamos criando uma geração de alienados”, afirma psicólogo do HC”. *Estadão Jornal Digital*. São Paulo. Disponível em: <http://emails.estadao.com.br/blogs/ser-mae/estamos-criando-uma-geracao-de-alienados-afirma-psicologo-do-hc/> Acesso em 28/01/2017.

Marconi, M. A.; Lakatos, E. M. (2002) *Técnicas de Pesquisa*. 5. ed. São Paulo: Atlas.

Márkus, G. (2015) *Marxismo e Antropologia: o conceito de “essência humana” na filosofia de Marx*. São Paulo: Expressão Popular.

Martins, L. M. (2008) Introdução aos Fundamentos Epistemológicos da Psicologia Sócio-Histórica. In: Martins, L. M. (Org.). *Sociedade, Educação e Subjetividade: Reflexões Temáticas à Luz da Psicologia Sócio-Histórica*. São Paulo: Cultura Acadêmica, p.36-60.

Marx, K. (1987). Para a crítica da economia política. In K. Marx. *Manuscritos Econômico-Filosóficos e outros textos* escolhidos. v. 1. São Paulo: Nova Cultural, p. 3-25.

Neto, E. S. (2010) Os professores e os desafios pedagógicos diante das novas gerações: considerações sobre o presente e o futuro. *Revista de Educação do Cogeime*. São Paulo, v. 19, n. 36, p. 9-25.

Patto, M. H. S. (1985) A criança da escola pública: deficiente, diferente ou mal trabalhada? In: *Projeto Ipê: revendo a proposta de alfabetização*. Secretaria da Educação: Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas. São Paulo.

Oliveira, F. A. F. (2012) *O sentido pessoal da escola e o sofrimento em adolescentes com dificuldades no processo de escolarização*. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Estadual de Maringá. Maringá.

Saviani, D. (2005) Educação Socialista, Pedagogia Histórico-Crítica e os desafios da sociedade de classes. In: Lombardi, J. C; Saviani, D. (Orgs.) *Marxismo e Educação: Debates contemporâneos*. Campinas: Histedbr, p. 223-273.

Sennett, R. (2006). *A cultura do novo Capitalismo*. Rio de Janeiro: Record.

Trautwein, C. T. G. (2010) A dor e a delícia de entrevistar crianças na construção de um procedimento metodológico infantil. In: Souza, M. P. R (Org.). *Ouvindo crianças na escola: abordagens qualitativas e desafios metodológicos para a psicologia*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Tuleski, S. C. (2008) *Vygotski: a construção de uma Psicologia Marxista*. Maringá: Eduem.

X Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da UEM  
03 a 06 de Abril de 2017  
Universidade Estadual de Maringá ISSN 2358-7369

Vygotski, L. S. (1993) *Obras escogidas*. v. 4. Madrid: Visor.

Vigotski, L. S. (2001) *A construção do pensamento e da linguagem*. São Paulo: Martins Fontes.

Vygotski, L. S.; Luria, A. R. (2007) *El instrumento y el signo en el desarrollo del niño*. Madrid: Pablo Del Rio y Amélia Álvarez.